

UNIVERSIDADE FEDEAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Judith Bellini

**OS PRIMÓRDIOS DA HOTELARIA NA CIDADE DE JUIZ DE FORA NO PERÍODO DE 1876 A 1888**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. André Barcelos Damasceno Daibert

Juiz de Fora  
2017

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Judith Bellini**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201372253A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **OS PRIMÓRDIOS DA HOTELARIA NA CIDADE DE JUIZ DE FORA NO PERÍODO DE 1876 A 1888** desenvolvido durante o período de 01 de agosto a 28 de novembro de 2017 sob a orientação de André Barcelos Damasceno Daibert, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# OS PRIMÓRDIOS DA HOTELARIA NA CIDADE DE JUIZ DE FORA NO PERÍODO DE 1876 A 1888

Judith Bellini<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar um levantamento da hotelaria em Juiz de Fora, Minas Gerais, nos seus primórdios, principalmente no final do século XIX, quando foi possível uma melhor mobilidade, com a construção da Rodovia União e Indústria, e depois da Ferrovia D. Pedro II e Leopoldina, que grandes transformações foram possíveis na cidade de Juiz de Fora. Por ser um ponto central da Zona da Mata Mineira, facilitou-se o transporte para as lavouras das fazendas de café; e a implantação de indústrias e de um comércio que pudesse suprir e abastecer, não só a cidade, mas em toda a região. Isso possibilitou um grande desenvolvimento na cidade e conseqüentemente o aparecimento da necessidade de prestação de serviços hoteleiros, para negócios, com o café, e para compras de mercadorias, chegadas da Corte. Verificando através de documentos de época, com esta pesquisa, o intuito foi verificar se o Hotel *Renaissance* teria sido realmente o primeiro. Foi possível através da memória de uma época pouco estudada, encontrar vinte e dois hotéis antes do *Renaissance*. O que abriu margem para analisar como principiou se o desenvolvimento do setor hoteleiro e turístico em Juiz de Fora. Fato que é sem dúvida é relevante como objeto de pesquisa.

**PALAVRAS CHAVE:** Memória, Hotelaria, Turismo.

## ABSTRACT:

The present article aims to carry out a survey of the hotel industry in Juiz de Fora, Minas Gerais, in its early days, mainly at the end of the 19th century, when a better mobility was possible, with the construction of the Union and Industry Highway, and after the Railroad D. Pedro II and Leopoldina, that great transformations were possible in the city of Juiz de Fora. Because it is a central point of the Zona da Mata Mineira, it facilitated the transport to the plantations of the coffee farms; and the establishment of industries and a commerce that could supply and supply not only the city, but throughout the region. This enabled a great development in the city and consequently the appearance of the need to provide hotel services, for business, with coffee, and for merchandise purchases, arrivals of the Court. Checking through period documents, with this research, the intention was to verify if the Renaissance Hotel would have been really the first. It was possible through the memory of a time little studied, to find twenty-two hotels before the Renaissance. This opened the door to analyze how the development of the hotel and tourism sector in Juiz de Fora began. Fact that is undoubtedly relevant as a research object.

**KEY WORDS:** Memory, Hospitality, Tourism.

## 1. INTRODUÇÃO:

Começando com uma breve história do turismo na Europa, em seus primórdios, e no Brasil. Com o intuito de averiguar como começou a história da hotelaria em Juiz de Fora, Minas Gerais, no final do século XIX. Possibilitando um levantamento histórico dos Hotéis documentados entre 1876 e 1888. Averiguando sua veracidade, para compreender quais eram e como foram os primeiros empreendimentos e serviços oferecidos na cidade, principalmente no setor hoteleiro. Considera-se um tema relevante, para análise e estudo, no setor de meu interesse: memória preservação e patrimônio. Sem contar que é um tema com trabalhos inexistentes na área, em Juiz de Fora. O Hotel Renasença é tido como o primeiro hotel da cidade e segundo do estado de Minas Gerais (OLIVEIRA, 1994). Pode-se verificar que é o único que sobreviveu até os dias de hoje, mas a pesquisa demonstrou que não foi o primeiro.

A metodologia utilizada para a elaboração do presente artigo se deu com um levantamento documental em arquivos históricos, pesquisa bibliográfica e jornais de época, pertencentes à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional<sup>2</sup>. Constatando a existência de serviços hoteleiros, que a cidade tinha a quem servia como eram, a fim de melhor compreender a evolução do setor nos anos seguintes. Para começarmos a entender a dinâmica desse trabalho, faz-se necessário informar que foram identificados 23 hotéis dentro do período estudado, com destaque para o Grande Hotel Renasença que é o principal empreendimento da época e que persiste até os dias atuais.

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: judithbellini@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. André Barcelos Damasceno Daibert.

<sup>2</sup> <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

## 2. Os primórdios da hotelaria na Europa

A Revolução Industrial que inicialmente na Europa começou a transformar os modos de produção, transportes e infraestrutura, facilitando o deslocamento, o turismo e os meios de hospedagem começaram a aparecer de forma mais significativa.

Segundo Boyer (2003, p. 39-40), o turismo nem sempre existiu. Foi um fenômeno, que ocorreu a partir da época romântica, por uma nova palavra "*The Tour*", que nasceu e se desenvolveu na Inglaterra do século XVIII, que fez todas as Revoluções: industrial, agrícola, financeira e acrescentamos a Revolução Turística. Na educação recebida para jovens aristocratas, acabava com um "*The Tour*", onde juntamente com seus professores e guias faziam uma volta pela Europa Ocidental. Ao final eram considerados *gentlemen*. Parte de uma elite britânica inventou diversas práticas, modas e lugares a serem visitados.

A partir do século XVIII ao XX, as condições ficaram cada vez mais favoráveis, com o melhoramento dos meios de transporte, a medicina, a educação pedagógica; possibilitando uma difusão sociocultural, que permitiu ao turismo se expandir em camadas sociais mais amplas. A questão da saúde e da higiene era dominante. "Misturar saúde e educação, não valia mais somente para os jovens e os ricos." (BOYER, 2003, p. 59).

Em 1841, o missionário batista *Thomas Cook*, fazia excursões de um dia que tinham valor sanitário, social e pedagógico. Ele passou de excursões filantrópicas a viagens organizadas a partir de 1856. O progresso nos meios de locomoção, na infraestrutura de circulação e hospedagem fizeram que as viagens pudessem começar a ficar mais fáceis. Segundo Boyer (2003, p. 67) a história do turismo, não deve ser confundida com a história dos meios de hospedagem. Outros tipos de hospedagem, como albergues e estalagem existiram bem antes do que os hotéis.

Até 1790 a palavra hotel, era domicílios de ricos, nobres, que eram hospedados em castelos, ou palácios como o *Hôtel de Ville em Paris*, nome dado para designar uma segunda residência, fora do *Palácio de Versailles*. Os mais pobres, dormiam no estábulo, no meio do feno. Segundo o autor, a palavra "hotel" qualificava um rico domicílio urbano (BOYER, p.77). Já os viajantes deviam suportar o desconforto de como eram hospedados, de ficar no mesmo quarto com pessoas desconhecidas, albergues sem infra estrutura para as necessidades fisiológicas, ou privacidade. Só no final do século XVIII, nas grandes cidades da Europa, apareceram empresas que construíram estabelecimentos com conforto, onde cada viajante dispunha de seu quarto, com jarro de água e balde para as necessidades. Estes hotéis, já não ficavam nas estradas, mas dentro das cidades, perto de teatros. No final do século XIX, surgiram empresas que construíram hotéis cada vez mais luxuosos (BOYER, 2003, p. 78). E depois com as estações da estrada de ferro, estabeleceram-se também perto das estações de trem. Para acolherem os viajantes, que com este novo transporte, começaram a poder se deslocar mais facilmente pelos países da Europa

### 2.1 Os primórdios da Hotelaria no Brasil

No Brasil, também é a partir do final do século XIX, com as transformações nos meios de transporte, que foi possível o aparecimento do hábito de viajar. A abertura dos portos fez com que a região sudeste pudesse se desenvolver, assinalando o início da internacionalização do Brasil (MULLER, 2001, p. 105). Com as mudanças no Rio de Janeiro, como as contribuições dos estrangeiros com capitais e mão de obra mais qualificados, os serviços, entre eles o de hospedagem, puderam se desenvolver. Com as melhorias nos transportes, foi possível a expansão cafeeira, transformando as cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Mas na hospedagem revelavam ainda características precárias, improvisadas, com funcionamento irregular, péssimos serviços, e preços abusivos (MULLER, 2001, p. 106). De acordo com Camargo (2007, p. 176) os primeiros hóspedes destes hotéis eram viajantes e desconhecidos menos importantes. As recreações aristocráticas voltadas para a família Real e da Corte é que irão moldar as práticas dos lazeres burgueses. A primeira delas é a vilegiatura<sup>3</sup>, seguida pelas curas de águas minerais e banhos de mar. Essas recreações vão adquirindo modismos e pretextos para o convívio social dos indivíduos conhecidos por todos. Sendo fundamental essa sociabilidade aristocrática e os contornos que elas vão adquirindo para a construção dos sítios frequentados. De acordo com Camargo (2007, p. 173-174), os carros os coches ou diligências com suas

<sup>3</sup> "eram viagens de cidadãos ordinariamente durante o verão para determinadas localidades, inicialmente do campo, em recreio, e sem outras finalidades que impliquem qualquer atividade rentável sob o ponto de vista econômico" (CAMARGO, 2007, P. 180-181).

inúmeras variações só irão ser usados no Brasil ao menos nas estradas, na segunda metade do século XIX. Se não, só nos centros urbanos. Aqui o processo é mais lento e atrasado. Ainda segundo Camargo (2007, p. 174) “quem viajava pelo Brasil?” e ele completa, respondendo que são os funcionários civis e militares, missionários, depois naturalistas, artistas desenhistas das expedições, imigrantes, fazendeiros, negociantes.

## 2.2 Minas Gerais e a história de Juiz de Fora

A história da recente ocupação da cidade de Juiz de Fora começa no início do século XVIII, quando por ordem do rei de Portugal, rotas de ligação entre a província de Minas e o porto do Rio de Janeiro deveriam ser abertas. “O Caminho Novo” aberto por Garcia Rodrigues Paes em 1703, a pedido do rei de Portugal, era para dar passagem a burros de carga. Com ouro e diamantes extraídos das minas. De acordo com Oliveira (1994, p. 6) “Verdadeiros desbravadores da região foram os tropeiros que já percorriam o caminho com regularidade a partir de 1709”.

Esse movimento de tropas provocou o aparecimento de ranchos e hospedarias, assim como postos de fiscalização, para os transportes de riquezas. Assim, foram sendo criados, pequenos povoamentos em torno da rota na Zona da Mata Mineira, que deram origem a diversas cidades, como Borba do Campo (Barbacena), João Gomes (Santos Dumont) e Santo Antônio do Paraibuna, futura Juiz de Fora.

Na margem esquerda do rio Paraibuna, passava o Caminho Novo, que em épocas de enchentes inundava as terras ao seu redor formando pântanos e alagados. Com o objetivo de incentivar o povoamento da região, o governo imperial distribuiu terras das chamadas sesmarias, para nobres e súditos, que trabalhavam para a coroa. As terras ao longo das margens do rio Paraibuna passaram a ser chamadas como Sesmarias do Juiz de Fora, um magistrado que deixou o curioso nome para a cidade. Pois na época a justiça era exercida por juizes ordinários e juizes de fora, que operavam na ausência de um juiz de direito. E no povoado surgido por volta de 1820, coube ao alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld, nomeado engenheiro da província em 1836, os primeiros traçados urbanísticos da cidade.

Segundo Oliveira (1994) a partir de 1850, o governo incentiva a vinda de imigrantes para o Brasil. Para o povoamento de regiões que ainda estavam vazias, e a valorização de terras, e produção de alimentos que pudessem abastecer as lavouras das fazendas de café. Em Juiz de Fora esta política teve reflexos através das iniciativas de Mariano Procópio Ferreira Lage. Ele conseguiu empréstimos para a introdução de colonos alemães na cidade, com o objetivo de conseguir mão-de-obra especializada para a construção da Estrada União e Indústria. Em 1853 contratou vários técnicos, engenheiros, arquitetos, depois ferreiros e pintores. Segundo Mancini (2010, p.63-64) foi criado um núcleo colonial de alemães na cidade. Já as primeiras famílias italianas chegaram, no início da década de 1860. Sírios e Libaneses instalaram-se espontaneamente a partir do final do século XIX. Primeiro mascates e depois com casas de armarinhos e tecidos, além da indústria voltada para a fabricação de meias (RAHME, 2010, p.105).

Ao lado dos negros, numerosos nesta região onde havia se expandido a cultura cafeeira e dos portugueses, Juiz de Fora recebeu influências étnicas e culturais de todos esses povos.

Juiz de Fora torna-se então um entreposto comercial do café produzido na zona da Mata Mineira, mais um fator a auxiliar a acumulação de capital na nova cidade. Esta condição de entreposto deve ser vinculada inicialmente à abertura da Estrada União e Indústria, proporcionando facilidades no escoamento da produção do café para o Rio de Janeiro. De acordo com Giroletti (1988 p.29) o café promoveu a acumulação de capital na cidade, criando-se diversas empresas industriais, de serviços, e comércio. Giroletti (1988, p 34-35) também afirma que a “Rodovia União e Indústria”, que foi inaugurada em 1861, revolucionou o sistema de transportes em Minas Gerais e abriu horizontes promissores à produção, ao comércio e à indústria.

As estradas de ferro D. Pedro II e Leopoldina alcançaram o solo de Juiz de Fora em 1871 e provocaram na cidade um elevado desenvolvimento. A Estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro II construída quatro anos mais tarde, delimitou a área de uma praça e definiu o uso e parcelamento do solo. No triângulo formado pelas ruas: Direita; do Imperador e Espírito Santo<sup>4</sup> se concentraram toda a efervescência do comércio e indústrias da época. De acordo com Souza (2005, p 10) Estação Central se insere como um marco importante numa área que nem era utilizada. Surgem novas ruas, e a linha se torna uma das principais vias, tornando-se

---

<sup>4</sup> Rua da direita é a atual Avenida Barão do Rio Branco; A rua do imperador passou a se chamar Avenida Getúlio Vargas e a Rua Espírito Santo permanece com o mesmo nome (ANDREOLA, 2005 p 6).

elemento significativo da imagem da cidade. E no seu entorno, se desenvolvem comércio e serviços que subsidiavam a Estação.

Para esta pesquisa, além dos historiadores citados, foram pesquisadas mais de duas décadas do jornal “O PHAROL” (publicado em Juiz de Fora desde 1876), pois de acordo com a pesquisa realizada, era a única fonte encontrada nos arquivos para complementar a documentação dos fatos relacionados à hotelaria iniciante na cidade de Juiz de Fora. Ou seja, dos anos 1876 a 1888, onde foram selecionadas publicidades de hotéis da data corrente do exemplar, possibilitando assim melhor verificação dos mesmos, uma vez que daquela época apenas um hotel persiste até hoje, que é o Renascença (inaugurado em 1888), inicialmente chamado de “*Grand Hotel Renaissance*”. E talvez por isso, só ele ter resistido ao tempo e à história da cidade, seja chamado de segundo hotel de Minas Gerais, o primeiro sendo o de Caxambu. Mas através desta pesquisa pude comprovar que já existiam hotéis na cidade.

### 2.3 Os primeiros hotéis da cidade

Segundo o historiador Paulinho de Oliveira em um depoimento ao Diário Mercantil (1970, p.5), coloca a fundação do Hotel Rio de Janeiro, sem poder provar na era da União e Indústria (1870-1863). E um de seus fundadores Francisco Palha de Almeida, e estaria localizado no Largo Municipal. Infelizmente muitas edições do jornal da época, O PHAROL, foram perdidas e ou, estão faltando. Documentadas, tem publicidades que começam com o Hotel Gratidão de propriedade do senhor Paschoal Mazzaro, no exemplar de 1 de outubro de 1876 ed. 00082 de O PHAROL, seguidos do Hotel Italiano de João Gomes, na mesma edição. O Hotel dos Bambus, não aparece publicidade em si, nesta época, mas as publicidades do Hotel Gratidão, situado na rua de mesmo nome, aparece se referindo sempre “em frente ao Hotel dos Bambus” que pertencia à Francisco Hilário, mas conhecido como Chico Hilário.

Paulinho de Oliveira também relata em depoimento no Diário Mercantil (1970, p 5) sobre o cronista Hilário Gama, que publicava crônicas, intituladas “Ontem, Hoje, Amanhã”, onde dizia: “lá à sombra dos bambus se reunia a vizinhança para o truque e a douradilha” E completa: “a roda dos amigos dedicava-se com o saboroso café, vindo de dentro da casa, de cujas paredes pendiam inúmeras gaiolas de pássaros a perfilar em gorjeio com os melros na gigantesca toça, mantidos na sua regularidade circular por um cinto de ferro. As mesinhas e bancos em frente à casa, sob os bambus, trazia a aragem o cheiro provocante e apetitoso da cozinha mineira, gorda e variada que nos fundos da casa Francelina, esposa de Chico Hilário preparava para regalo de seus hóspedes”.

Depois, vem o Hotel Princezas, de A. C. Menezes, situado na Rua Imperatriz nº 42. Foi inaugurado em 4 de novembro de 1877, nesta mesma edição também se encontra uma publicidade do Hotel Universal. O Hotel Português aparece também em 1887 na edição de 17 de dezembro de número 00099. De propriedade do senhor Manuel Ferreira Dias. No ano seguinte, 1878, aparece o Hotel Juiz de Fora localizado na Rua Direita nº 47, e que seria do mesmo proprietário do Hotel Rio de Janeiro, no dia 10 de janeiro. Seguindo vem o Hotel Europa, no dia 3 de fevereiro, depois o Hotel das Princezas anuncia seu cardápio em francês, na edição de 7 de fevereiro de 1878. Muitas destas publicidades não davam nem o endereço. E outras são endereços da época Imperial, que não existem mais hoje em dia com os mesmos nomes. O Hotel da Estação, publicado no dia 21 de fevereiro de 1878, é citado sendo ao lado de um baile de Máscara que ocorreria no carnaval. Logo depois, uma publicidade da Casa de Banhos, do Hotel Universal, do dia 7 do mês de março, onde aparece preços e cardápio, o que é muito interessante. Alguns dos anúncios nos dão uma ideia da maneira em que seus proprietários se relacionavam com seus hóspedes, como por exemplo, o Hotel dos Bambus, em que informa aos seus amigos e fregueses, de que seu antigo estabelecimento acaba de aumentar, reformando de novo seu Hotel, e que teria magníficas e decentes acomodações, esperando para isso a continuação da preferência de seus amigos.

Na edição também de 4 de agosto de 1878, mostra uma publicidade do “Hotel New York, antigo União”. Este era situado ao longo da rodovia em direção de Barbacena. Também em 1878, aparece o Hotel do Comércio, de propriedade de José Paulino de Sampaio. Nessa publicidade, pedia-se ao hóspede que saiu sem pagar, deixando uma besta velha rosada com arreios velhos em seu pátio, que aparecesse para quitar sua dívida e levar o animal. Sob pena do mesmo ser levado paço municipal e leilado para quitar a referida dívida com seu Hotel.

Em 22 de fevereiro de 1881, uma publicidade do Hotel União onde dizia: “abriu hotel acima, Rancharia.” E outra publicidade hoteleira nesta mesma edição anunciava-se que as “obras” do Hotel Rio de Janeiro estavam quase no fim. Ele foi reaberto em 31 de março.

O Hotel dos Bambús anuncia algo pouco comum hoje para um hotel: um roubo, ocorrido dentro do estabelecimento em sua edição do dia 10 de março de 1881. Fato este que hoje em dia não se costuma fazer divulgação. Faz-me crer que a moral e os bons costumes tinham certa importância. Como o Hotel *Princezas*, que fez questão de esclarecer sobre um hóspede que teria achado abusivo o preço cobrado num jantar. Fizeram questão de colocar o cardápio com os devidos preços para esclarecer os fatos. Outro fato curioso, ocorre na edição de 7 de fevereiro de 1878, em que o Hotel Europa, de propriedade de Nicolau Isidoro Rizzo, pede ao hóspede que saiu sem pagar, voltasse, para quitar sua dívida.

Depois alguns hotéis param de fazer publicidade, no início da década de 1880. Inclusive aparece que o Hotel Juiz de Fora iria ser leiloadado na edição de 27 de abril de 1882. Em 1883 aparece a abertura do Hotel Bahiano na Rua Halfeld n 67. Aparece também outra reforma para o Hotel Rio de Janeiro em junho de 1883. Abre-se o Grande Hotel Oceano de Walladão e Souza em 22 de setembro de 1883. Neste mesmo ano o Hotel Europa foi reformado.

E em dezembro do mesmo ano, ocorre a abertura do Hotel Pinto na Rua da Imperatriz. Passamos para o ano de 1886, onde temos o Hotel Recreio na Rua da Imperatriz, que recebia pensionistas e fornecia almoço e jantar.

### **3. O surgimento do Hotel Renascença e sua importância patrimonial**

E enfim, na edição do dia 7 de março de 1886, aparece uma publicidade do Grand Hotel *Renaissance* no ano de 1886 (um ano antes de sua abertura), com a seguinte publicidade: “Para formar o prestito: é facultativo o seguinte uniforme: calça branca, botas e chapéu patente. Prestito: cavaleiros: um carro enfeitado, levando duas meninas com estandarte. Cavalheiros e um carro com banda de música. As fantasias que quiserem acompanhar eram em seguida, ao carro da banda de músicos, devidamente mascarados. Espera-se do filantrópico povo desta cidade, auxiliarem com o óbolo da caridade esta festa.

Foi o único Hotel que anunciava sua preparação um ano antes da inauguração, A partir deste ponto, avançamos para o grande dia da inauguração do Grand Hotel *Renaissance* de propriedade do Italiano Sr. Giuseppe Repetto. Infelizmente, no dia da inauguração do “Grand Hotel” não foi localizada nenhum anúncio ou matérias que informem sobre o fato. Foi localizado apenas um anúncio na edição de sábado de O PHAROL do dia 30 de abril de 1887, sem grandes alardes ou anúncio de festa, e a edição de 1 de maio de 1877, dia de sua inauguração, não foi possível localizar fotos ou publicidade sobre este evento, pois a Hemeroteca Digital não possuía esta edição, por se tratar de um feriado internacional (Dia do Trabalho). A próxima edição disponível é a do dia 3 de maio de 1887. No ano de sua inauguração, pode-se perceber que muitos hotéis existentes em Juiz de Fora foram leiloados como o Hotel Rio de Janeiro em junho e o Hotel Central, na edição do dia 8 de agosto.

Existem poucas informações sobre o proprietário do *Renaissance*. Grossi (1911 p.158) diz que Guizeppe Repetto veio de Gênova ainda muito novo, com 17 anos. Instalou-se de início no estado do Rio de Janeiro. Um ano depois, quitou o estado do Rio de Janeiro, e veio se instalar na bela cidade de Juiz de Fora, onde sempre cativou a simpatia de todos. Como no diz Grossi (1911 p.158) “*Il Grande Hotel Renaissance, che, senza temã di essere amentiti, e l'único confortabile nello Stato di Minas.*” De acordo com documento de processo de tombamento nº 307/204, o Hotel Renascença é hoje a única edificação que permaneceu como era. Com a construção da Estação Central, a região se tornou importante cenário para o desenvolvimento da estética que se implantou na cidade com a ferrovia. O Renascença é uma das primeiras edificações construídas na Praça Dr. João Penido, localizado, bem em frente à Estação, sua arquitetura repete o esquema remanescente do período colonial de alinhamento nas divisas frontal e laterais do terreno em forma de U, com um estilo que mistura também com o estilo eclético. Segundo Andreola (2005 p.10) a região se tornou importante cenário para o desenvolvimento da estética que se implantou na cidade com a ferrovia. O ecletismo embelezou os edifícios, e a Praça da Estação foi seu principal núcleo propagador.

Hoje, o Hotel Renascença é Tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Juiz de Fora. Sendo um importante marco de um ponto inicial da cidade de Juiz de Fora. Por lá a cidade transitava e acontecia toda a efervescência comercial e de ponto de encontros de amigos, sendo um identificador da memória urbana social e cultural da cidade, e seu tombamento é justificado a partir de seus valores diferenciados, neste conjunto histórico e arquitetônico da Praça da Estação. No final do século XIX, o hotel era o cartão postal da cidade, num período de efervescência econômica e social de Juiz de Fora. O Hotel já não pertencia mais ao seu senhor Giuseppe Reppeto, foi vendido em 1962 por sua esposa ao senhor Otacílio Pereira do Valle, que comprou o prédio quando ainda não tinha modernização. E ele continua dizendo “o que atraía as pessoas era a tradição”. Já segundo seu herdeiro, Eliseu Pereira do Valle, o Hotel Renascença era conhecido por ser imponente e muito bem localizado,

já que a cidade crescia ao seu redor. Seus atuais proprietários foram a favor da preservação e tombamento do patrimônio.

#### 4. Conclusão

Com esta pesquisa pode-se verificar os primórdios documentados da hotelaria na cidade. As descobertas foram além das expectativas, que era estudar o primeiro hotel de Juiz de Fora. Com certeza, o Hotel Renascença não foi o primeiro hotel da cidade. Talvez o melhor localizado, imponente, foi cartão postal da cidade. E o único que persistiu. Sendo hoje Tombado pelo Patrimônio Histórico.

Mas foi identificada a existência de 22 hotéis antes do *Renaissance*. Percebeu-se que os proprietários faziam questão de anunciar no jornal da época algum problema ocorrido dentro do estabelecimento, como exemplo um cliente que teria saído insatisfeito do estabelecimento, depois do jantar achando o preço cobrado abusivo. E o hotel fazer questão de ir ao jornal esclarecer o fato. Como foi o caso do Hotel *Princezas* uma vez fazendo questão de mostrar preços e *menus* servidos, certo da qualidade de seus serviços prestados. Como também, hóspedes que saíam sem pagar, pediam a público que o respectivo voltasse para quitar sua dívida com o estabelecimento. Isso apesar de ser uma publicidade, é uma atitude diferente da de hoje em dia em hotelaria. Pode se constatar também alguns serviços que estes antigos estabelecimentos ofereciam, como banquetes para casamentos, batizados, para festas, dentro e fora do hotel.

Assim como alguns de seus próprios proprietários que atendiam os seus clientes, havia um contato mais direto. Como era o caso do senhor Francisco Hilário, mais conhecido como Chico Hilário, do Hotel dos Bambus, adorava fazer com os “amigos” uma roda de música, enquanto sua esposa, na cozinha, já preparava a rica, típica e gorda cozinha mineira, os clientes aguardavam num ambiente aconchegante e sociabilizado à sombra dos bambus.

O início do turismo em Juiz de Fora, desde seus primórdios já se desenhava como um turismo de negócios e produtos que aqui chegavam, e eram distribuídos para toda a região, e também, alguns aqui fabricados. O que continua a ser o caso de Juiz de Fora, quanto ao turismo. Porque muitos desses hotéis não resistiram? Porque fecharam? O que fazer para melhorar o setor? São questões em que podemos pensar.

#### REFERÊNCIAS

- BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. São Paulo. Editora EDUSC. 2003.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma Pré-História do Turismo no Brasil. Recreações Aristocráticas e Lazer Burgueses (1808-1850)**. São Paulo, Editora Aleph 2007.
- DIGITAL, Hemeroteca. **Arquivos do jornal O PHAROL**. RJ. (1776-1878)
- GROSSI, Filippo. **Almanaque Lo Stato Di Minas Gerais**. Ed. Snesi e F Grossi, 1911.
- GIROLETTI, Domingos. **Industrialização de Juiz de Fora**. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1988.
- MANCINI, Tarcizio. **De todos os cheiros e sabores que fizeram Juiz de Fora**. Funalfa. 2010, p. 63-69
- MERCANTIL, Diário. Juiz de Fora. Edições de 28/11 e 05/12 de 1970
- MÜLLER, D. Resenha: - **Raízes do turismo no Brasil** - (Pires, Mário Jorge - 2001). **Turismo em Análise**, v. 13, n. 1, p. 105-106, 2002
- OLIVEIRA, Paulinho de. **História de Juiz de Fora**. Juiz de Fora. Ed. Funalfa. 2004.
- OLIVEIRA, Mônica Ribeiro/ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **À margem do caminho novo. Experiências populares em Juiz de Fora**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2011.
- OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Juiz de Fora - Vivendo a História**. Juiz de Fora. Editora da UFJF, 1994.
- RAHME, Mounira Hadade. **De todos os cheiros e sabores**. Funalfa 2010, p. 105-132.
- SOUZA, Milena Andreola de. **Paisagem e Ferrovia. Praça da Estação de Juiz de Fora, Curso Arquitetura e Urbanismo**, UFJF. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI\\_coloquio\\_t6\\_paisagem\\_ferrovia.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t6_paisagem_ferrovia.pdf). Acesso em 01 out. 2017.



VISCARDI, Cláudia Maria Oliveira/ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro/ ARANTES, Luiz Antônio Valle/ CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira/ ALMEIDA, Ludmilla Savry. **“Solidariedades e Conflitos”- História de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora.** Organizado por BORGES, Célia Maria. Juiz de Fora. Editora da UFJF, 2000.

**Site:**

**HISTORIA DE JUIZ DE FORA.** Disponível em: [www.pjf.mg.gov.br/história.php](http://www.pjf.mg.gov.br/história.php). Acesso em: 07 set 2017.

**ESTAÇÃO FERROVIARIA DE JUIZ DE FORA.** Disponível em: [www.estaçõesferroviária.com.br/efchmg-çinhacentro/juizdefora.htm](http://www.estaçõesferroviária.com.br/efchmg-çinhacentro/juizdefora.htm). Acesso em: 30 agosto 2017.

**OUTROS TEMPOS, MESMO ENDEREÇO.** Disponível em: <http://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/17-07-2011/outros-tempos-mesmo-endereco.html>. Acesso em 01 set 2017.